

Deputado do Chega entre a espada e a parede

O deputado regional do Chega, José Pacheco, vai anunciar hoje, em conferência de imprensa, na Horta, se mantém ou retira o apoio ao Governo de coligação PSD/CDS/PPM.

O líder nacional do Chega, André Ventura, anunciou anteontem que “deu instruções” a José Pacheco para votar contra o Orçamento Regional, retirando assim o apoio à coligação.

Ventura argumenta que esta posição tem a ver com o facto de Rui Rio não aceitar integrar o Chega num eventual gGoverno da República.

De acordo com as fontes do Diário dos Açores, o deputado regional do Chega já teria recebido um acordo de princípio da coligação para aprovar as propostas de alteração que iria apresentar em sede de discussão do Orçamento Regional.

Eram estas propostas que José Pacheco ia anunciar hoje, na conferência de imprensa, marcada já há alguns dias.

Segundo as mesmas fontes, José Pacheco foi apanhado de surpresa com a decisão do seu líder nacional, “deixando-o numa posição desconfortável”.

O deputado açoriano terá ficado, inicialmente, indeciso, “entre a espada e a parede”, mas depois de muitas conversações, quer com o líder nacional, quer com os dirigentes dos partidos da coligação, terá tomado uma decisão “que não deixe mal nem a coligação nem o líder nacional”.

Tudo terá a ver com as negociações de outras propostas que apresentou, para serem incluídas no Orçamento Regional.

Daí que tenha já dito que a última palavra será sua, uma espécie de aviso a André Ventura, e que Bolieiro diga que está confiante.

Rui Rio confiante que não haverá eleições antecipadas na Região

Rui Rio reagiu à decisão de André Ventura, não se alargando em comentários.

Lamentou a fragmentação partidária que dificulta a governabilidade, como está a acontecer nos Açores, onde “à primeira oportunidade, criam logo instabilidade”.

“No continente, aquilo que está em causa é se pode haver uma coligação, ou não, entre o PSD e o Chega, antes ou depois das eleições. E aí não há acordo. Porque dizemos ‘coligação, não’ e o Chega diz que só há acordo se houver coligação. Há uma incompatibilidade”, afirma o líder social-democrata.

A questão dos Açores, continuou, “não é nada disso”. “É apenas um apoio parlamentar com base num acordo que, salvo erro, tem só quatro pontos e que foi feito lá, à escala regional, e não à escala nacional”.

Sobre o eventual chumbo do Orçamento nos Açores, e possível queda do



Governo, Rui Rio disse que falou, “naturalmente” com o Presidente do Governo Regional, assegurando que Bolieiro está, apesar de tudo, “confiante” na resolução da crise. Com André Ventura, o líder do PSD disse não ter falado.

Rio sublinhou que a “conclusão” que pode retirar, a nível nacional, “é que isto vai ter de se resolver nas eleições de 30 de Janeiro”.

“Ou há uma concentração de voto no PSD - um voto que é útil para conseguir estabilidade no país - ou, se houver uma grande fragmentação de votos em partidos pequenos, naturalmente que o país fica numa situação de governabilidade muito mais difícil”, alertou, acrescentando que “para o sistema partidário nacional é positivo haver duas alternativas: ou o PSD ou o PS. Depois, quanto mais fragmentação houver, a governabilidade fica difícil, como agora se está a ver: na primeira oportunidade criam logo instabilidade nos Açores”.

Rui Rio não confirmou que o deputado do Chega esteja em negociações com o Governo Regional dos Açores por se tratar de “matéria regional”.

“Em matéria regional não me meto”, disse, vincando que se limitou a informar-se.

Questionado sobre se poderá haver eleições antecipadas nos Açores, o Presidente do PSD respondeu: “Das informações que tenho, acho que não”.

Rangel defende autonomia de decisão regional

O candidato à liderança do PSD, Paulo Rangel, defendeu que os Açores deverão tratar “como entenderem” uma eventual crise no Governo Regional causada pela retirada do apoio do Chega, apontando que respeita a autonomia regional.

“É uma questão de autonomia regional, eu acho que não devemos interferir nisso especialmente porque estamos num processo que é um processo muito delicado que já conhecemos em Portugal, que é o processo de aprovação do orçamento”, afirmou.

O eurodeputado social-democrata salientou também que o PSD não pode “ter acordos com o Chega” e referiu

que “o PSD regional até nem tem tido o apoio do Chega”, dado que um dos deputados eleitos “saiu do Chega” e o “outro não vai querer apoiá-lo”.

Nuno Barata fala em partidos “fantoques” nos Açores

A Iniciativa Liberal/Açores assegurou que continua “a lutar” pela defesa dos açorianos no âmbito das negociações do Orçamento Regional de 2022 e condenou quem está nas ilhas “ao serviço de interesses de Lisboa”.

A estrutura regional da IL lembrou, num comunicado, que foi um dos partidos que assinou um acordo de incidência parlamentar com o PSD nos Açores, em 2020, que levou à aprovação, pelo deputado único que tem no Parlamento da região autónoma, do orçamento do arquipélago para este ano.

Em relação ao que foi proposto para 2022 pelo Governo Regional, de coligação PSD/CDS-PP/PPM, que está em debate na Assembleia Legislativa dos Açores, a IL diz que não cumpre o acordo assinado no ano passado, mas que o processo ainda está em aberto.

“No primeiro Orçamento o acordo foi cumprido, nomeadamente com redução de impostos, e neste Orçamento, depois do recuo do Governo, continuaremos a lutar para que os açorianos não sejam penalizados por mais endividamento. Desta forma, o Governo estará a cumprir o acordo assinado com a IL, o Orçamento não será igual aos orçamentos socialistas do passado e o futuro dos açorianos ficará mais assegurado”, lê-se no comunicado.

“A Iniciativa Liberal está nos Açores para defender os interesses das nossas ilhas e de todos os açorianos. Não está, como em outros partidos, ao serviço de interesses de Lisboa que usam os Açores apenas como fantoche para jogos de poder nacionais, num total desrespeito pelos Açores e pelos açorianos e até pelos seus eleitos e eleitores”, escreveu a IL/Açores.

Para o partido, o que “está em causa neste momento” é “o debate do Plano e Orçamento da Região para 2022 e a defesa dos interesses da Região e dos

açorianos”, que se defendem “nos Açores” ou em Lisboa e Bruxelas desde que “por quem legitimamente é escolhido e escrutinado pelos açorianos”.

BE diz que Chega é comandado por Lisboa

O líder do BE/Açores, António Lima, afirmou que o Chega é um partido que “não serve os Açores”, uma vez que encara as autonomias regionais como um sistema que pode ser “comandado a partir de Lisboa”.

“As declarações do deputado André Ventura, o que demonstram, é a visão e a forma como o Chega e ele próprio encaram a autonomia, porque a vêem como um sistema que pode ser comandado a partir de Lisboa”, afirmou António Lima.

Para o bloquista, um partido que “vê a autonomia, uma conquista da democracia, desta forma” não interessa nem aos Açores nem ao país.

“O chefe decide, manda os subordinados das ilhas e eles fazem o que chefe quer. Isso demonstra que o Chega não serve os Açores. Não é um partido que interesse, de forma alguma, aos açorianos”, declarou.

Furtado: acordo já morreu

O deputado independente na Assembleia Legislativa dos Açores considerou que o entendimento parlamentar da IL e do Chega com o Governo Regional PSD/CDS-PP/PPM “já morreu”, pelo que “ou as pessoas mudam ou mais vale ir para eleições”.

“Se tiver de ir para eleições, que vá. Não vale a pena tentar salvar o morto. Este entendimento com o Chega e a Iniciativa Liberal já morreu. Estas ameaças ao virar da esquina não são saudáveis. O melhor para esta terra é limpar este ambiente”, defendeu Carlos Furtado, que nas eleições legislativas regionais de 2020 foi eleito pelo Chega e em julho perdeu a confiança política do líder nacional do partido.

Carlos Furtado disse não ter decidido ainda o sentido de voto no Orçamento Regional para 2022.

“O meu voto ainda não está definido. Mas aprecio a boa vontade do Governo de José Manuel Bolieiro, líder do Executivo, em governar num ambiente destes. Isto não é ambiente para ninguém. São ameaças da IL, ameaças do Chega nacional e do Chega regional. Isto não é saudável”, frisou.

O deputado sublinhou que o actual Governo “ganhou eleições e montou uma equipa”, lamentando que “minorias sem legitimidade” façam “as brincadeiras que andam a fazer”.

“Isto é como aguentar um casamento quando o casal já não se entende”, observou.

“As pessoas colocarem-se em bicos de pés fica muito feio”, criticou.